

A retórica, longe da realidade *Divida ext.*

REALI JUNIOR
Nosso correspondente

PARIS — A França é, entre os países industrializados, o que desenvolve o mais bonito discurso terceiro-mundista, mas nem sempre possui os meios indispensáveis para que esse esforço retórico se transforme numa política efetiva. Nos últimos tempos, constata-se a existência de um verdadeiro consenso entre seus principais dirigentes, todos reclamando junto às diversas instâncias internacionais uma política mais aberta e generosa em relação aos países endividados. Não faz muito tempo, o ministro da Agricultura francês, François Guillaume, foi recebido pelo papa João Paulo II e recebeu seu aval para um ambicioso plano de colocação dos excedentes agrícolas europeus — toneladas de leite, manteiga, carne etc., colocadas em depósitos da Comunidade Econômica Europeia (CEE) — nos países do chamado "Quarto Mundo", uma grande parte deles da África e abastecendo diariamente em imagens de fone a televisão dos países desenvolvidos.

Até hoje, esse plano do ministro francês continua também estocado em alguma gaveta de seu gabinete parisiense. No final de março, o primeiro-ministro conservador, Jac-

ques Chirac, visitando Ronald Reagan na Casa Branca, sugeriu uma "iniciativa espetacular" em favor dos países endividados. Agora, em Moscou, ele repetiu essa história quando de seu encontro com Mikhail Gorbatchev, buscando unir esforços dos ocidentais e países do Leste para reduzir os problemas alimentares e financeiros do mundo mais pobre. Todo um arsenal de medidas permanece estocado na cabeça do chefe do governo para ser consumido de acordo com as necessidades. Também o presidente socialista, François Mitterrand, cuja ação nessa área, agora sem o controle do governo, se limita a repetir apelos, ainda no último dia 12, quando da reunião da OCDE, em Paris, sugeriu que os excedentes financeiros de Japão e Alemanha fossem reciclados em favor dos mais pobres. Todos esses generosos discursos, cheios de boas intenções, estão longe da realidade nua e crua.

Na crise do petróleo dizia-se que "a França não tem petróleo, mas tem idéias". Tudo indica que isso continua sendo uma verdade, pois idéias não faltam a esse país, a seus dirigentes, da esquerda e da direita, mas, como sempre, faltam meios para sua aplicação. Apesar desse quadro geral, é preciso reconhecer que existem algumas exceções. Graças à insistência francesa, junto aos paí-

ses credores que integram o Clube de Paris, e cuja Secretaria é exercida pelo Tesouro francês, as dívidas do Zaire e da Argentina puderam ser reescaladas, na semana passada, em condições bem mais favoráveis do que as negociações anteriores.

Fora isso, as demais iniciativas, mesmo se os leitores ouvirem falar delas nos próximos dias, quando das reuniões do GATT, em Genebra, ou do encontro de cúpula de Veneza, no início de junho, não deverão passar do plano puramente retórico, como foi também o caso do Plano Baker, anunciado com tanto estardalhaço em Seul, na Coreia, durante uma reunião do FMI, mas que já nasceu morto. É muito mais provável que o plano japonês de constituição de um fundo especial para os países endividados apresente resultados mais concretos do que todas as idéias nesse sentido lançadas aqui na Europa, especialmente na França.

Os dirigentes franceses, entretanto, não pretendem perder a hegemonia no campo das idéias e isso por uma razão simples. A campanha presidencial está ganhando as ruas e dois temas, segundo pesquisa feita em todo o país, monopolizam o voto do eleitorado mais jovem: a luta contra o desemprego e a necessidade de uma solidariedade mais ativa com o Terceiro Mundo.